

uma sombra sobre florença  
sylvain reynard

Tradução de Ester Cortegano

CHÁ  
DAS  
CINCO   
Livros com sexto sentido

Aos meus professores,  
com gratidão

## Agradecimentos

**T**enho uma enorme dívida para com a cidade de Florença, os seus cidadãos e a incomparável Galeria dos Uffizi. Obrigado pela vossa hospitalidade e inspiração.

Usei de liberdade poética ao localizar o trabalho de restauro de Raven na própria galeria, já que, na realidade, ele teria sido levado a cabo num dos laboratórios operados pelo Opificio.

A citação no capítulo 9 é retirada da famosa obra de Miguel de Cervantes, *Dom Quixote*. Outros textos referenciados neste romance incluem *O Príncipe* e *A Arte da Guerra*, ambos de Niccolò Machiavelli, bem como *A Arte da Guerra* escrita por Sun Tzu.

Muito obrigado a Kris, que leu um primeiro rascunho e fez valiosas críticas construtivas. Tenho também de agradecer a Jennifer e a Nina pelo seu *feedback* e apoio.

Tem sido um prazer trabalhar com Cindy Hwang, a minha editora, e Erin Galloway e Kristine Swartz, da Berkley. Devo também um agradecimento às equipas de produção e *design* da Berkley. Gostaria também de agradecer a Kim Scheffler e Cassie Hanjian, pela sua orientação e conselhos.

A minha publicista, Nina Bocci, trabalha incansavelmente para promover a minha escrita e para me ajudar com as redes sociais, que me permitem manter-me em contacto com os leitores. É uma honra fazer parte da sua equipa.

Elena respondeu pacientemente às minhas várias perguntas, e por

isso agradeço bastante. Quero também agradecer aos muitos *bloggers* que têm gasto tempo a ler e comentar o meu trabalho.

Agradeço a Erika, Deborah Harkness e Lauren, pelas suas amáveis palavras sobre *Raven*.

Quero também mencionar as Muses, o Argyle Empire, os leitores por todo o mundo que gerem as contas de redes sociais SRFans, e os leitores que gravaram os *podcasts* para a série *Gabriel* e a série *Florentina*. Agradeço muito o vosso contínuo apoio.

Gostaria de recordar Terry, que foi uma fervorosa leitora e colaboradora do Argyle Empire antes de falecer. Sentimos muito a sua falta.

Tenho uma dívida impossível de pagar aos meus professores, que me educaram e apoiaram e me conduziram num caminho de curiosidade e aprendizagem.

Finalmente, gostaria de agradecer aos meus leitores e à minha família por continuarem esta viagem comigo. Sinto orgulho por ser o vosso Virgílio durante esta jornada ao Submundo.

— SR  
ASCENSION 2015



*Judite e Holofernes*  
c. 1453-1457, de Donatello

## Prólogo

1268

*York, Inglaterra*

**W**illiam já não ia fugir. Durante algum tempo, ficara à espera nas sombras ao lado de um dos portões secundários da cidade muralhada de York, o seu cavalo preso ali perto. A sua amada Alicia não aparecera. Há muito que os sinos das Completas se tinham feito ouvir, e, por isso, impaciente e irritado, abandonou o local do encontro secreto e conduziu o cavalo na direção da casa do pai dela.

O pai de Alicia era um bom homem. Comerciante de sucesso, subira a pulso até ao topo da classe dos mercadores. Mas era anglo-saxão. A sua origem, bem como o seu ofício, tornava Alicia uma parceira inadequada aos olhos dos pais dele, aristocratas de origem normanda.

Mas William queria casar-se com ela. Cortejara-a em segredo, e ambos tinham feito planos para se encontrarem e fugirem para norte. Ali poderiam casar-se e, com as poucas joias e artigos da casa que William roubara à família, construiriam uma vida juntos.

Ele era novo, e forte, e extremamente inteligente. Alicia era bonita, bondosa e diligente. Unidos, teriam uma vida feliz.

Apesar da sua promessa, Alicia não aparecera.

William praguejou em anglo-normando, a sua língua materna, assumindo que o pai de Alicia descobrira o plano de fuga dos jovens e a prendera em casa.

Ele amava-a. Queria ficar com ela, nem que tivesse de lutar com o seu pai, espada contra espada. Naquele momento, sentia o sangue a cantar nas veias, e o seu corpo contraiu-se de desejo por ela. Tinham

concordado em esperar pelo casamento antes de se deitarem juntos, mas isso não os impedira de se beijarem e de se entregarem a pequenas indulgências sempre que podiam. Agora estava ansioso por desnudá-la pela primeira vez e aprender os segredos do seu corpo.

Distraído com pensamentos tão agradáveis e sensuais, William tropeçou.

— Pelos ossos de Deus! — praguejou, deixando cair a trela do cavalo e caindo para a frente.

Um gemido baixo ressoou do chão.

Quando recuperou o equilíbrio, William debruçou-se sobre o que parecia ser um molho de roupas. Um raio de luar apareceu por entre as nuvens, iluminando o volume que o fizera tropeçar.

O que julgara ser um molho de roupas era, de facto, uma mulher. Usava uma capa escura com capuz, e tinha as saias puxadas para cima até à cintura. A parte inferior do seu corpo estava despida e havia sangue a sujar-lhe as pernas e no meio, onde deveria ter estado a sua virgindade.

William recuou.

Não podia deixá-la ali daquela maneira, nem mesmo para ir procurar ajuda. Puxou-lhe a pesada saia azul para baixo, cobrindo-a.

A mulher estremeceu e contorceu-se.

Ele voltou a pegar nas rédeas do seu cavalo e estava prestes a montá-lo quando a mulher começou a sussurrar. Movia a cabeça de um lado para o outro, e longas e onduladas madeixas de cabelo libertaram-se do capuz e espalharam-se pelos seus ombros como uma cortina.

Alguma coisa na visão desse cabelo fê-lo deter-se.

Ainda a agarrar as rédeas, debruçou-se para a frente.

A mulher fora gravemente espancada. Tinha ambos os olhos negros, um deles totalmente cerrado pelo inchaço. O rosto estava ensanguentado, o lábio rasgado.

Ela ergueu uma mão a tremer enquanto o olhava com o único olho útil.

William sentiu a terra fugir-lhe de debaixo dos pés.

Atirou as rédeas para o lado e deixou-se cair de joelhos.

— Alicia? Alicia, que diabo é isto?

Ela fechou o olho e tossiu.

Ele ergueu-a nos braços, embalando-a contra o peito.

Alicia gritou com o movimento. Ficou caída nos braços dele,

demasiado fraca para se debater. Uma mão trémula tateou o tecido das suas saias, puxando-as como que para se cobrir.

A visão dilacerou-o.

— Alicia. — A voz dele embargou-se. — Quem fez isto?

— Desconhecidos. — Ela tinha dificuldade em respirar. — Gritei por ajuda. Ninguém apareceu.

Agarrou-o pela camisa.

— Will... — conseguiu dizer, aninhando-se contra ele. Por um momento, pareceu conter a respiração, depois o seu corpo tornou-se mole.

William comprimiu-a contra o coração, enquanto a vida da amada se escapava do seu corpo.

Ergueu os olhos ao céu negro e gritou.





## Capítulo 1

*1 de julho de 2013*  
*Úmbria, Itália*

**P**arado na frente de uma casa na Úmbria, o príncipe de Florença estava dividido.

Já se apresentara perante a princesa da região, e conseguira evitar as suas investidas românticas. Em ocasiões anteriores, tivera oportunidade de se deleitar com o seu corpo — era linda, inteligente e vibrantemente sexual, como a maior parte dos da sua raça. Nessa noite, porém, descobrira que os seus encantos não o atingiam. Depois de declinar delicadamente o convite da princesa para fornicar, saiu para caçar em terrenos da Úmbria com a sua renitente autorização.

Localizar Gabriel Emerson e a sua família fora fácil. O professor e a mulher, Julianne, eram os proprietários da casa que se erguia majestosamente numa colina e cujas luzes nas janelas alegravam a escuridão. O conflito do príncipe não residia em encontrar os Emerson ou em escapar aos braços da princesa. Não, o seu conflito derivava de uma promessa.

Raven Wood era humana, bela de uma forma não convencional, e muito corajosa. Tinha também tendência para proteger os outros, incluindo desconhecidos. Num momento de ternura, fizera-o prometer que pouparia a vida dos Emerson. O príncipe fizera a promessa de boa-fé, não apenas porque desejava que ela lhe confiasse o seu misterioso passado, mas porque gostava dela e desejava fazê-la feliz.

Mas, uma vez que Raven o deixara, tornando claro que não podia aceitar o facto de ele ser incapaz de amar, sentia-se tentado a recuar na sua promessa e a castigar o professor por ter tido a ousadia de se declarar legítimo proprietário de objetos de arte roubados. O facto de o ter feito

inadvertidamente não constituía desculpa. O príncipe desejava vingança, e, agora que o único ser humano no mundo que o podia convencer a entregar-se à misericórdia o rejeitara, não tinha razão para não satisfazer o seu desejo.

E era por isso que se encontrava agora junto à casa, a ouvir Katherine Picton, uma amiga da família, a dar as boas-noites aos seus anfitriões e Clare, a pequena filha dos Emerson, a ser deitada no quarto dos pais.

Esperou impacientemente enquanto os Emerson se entregavam ao prazer numa banheira de hidromassagem instalada na varanda do seu quarto.

O príncipe franziu o nariz, à medida que a sua união marital se estendia indefinidamente. Parecia que, sempre que os encontrava, estavam envolvidos em relações sexuais. Bateu com a bota no chão, desejando que o casal se apressasse.

Era uma noite sem estrelas, escura e imóvel. O céu era um arco de veludo acima dele, e a brisa de verão sussurrava-lhe ao ouvido. Enquanto ouvia Julianne gritar de prazer, recordou-se de como Raven fizera a mesma coisa, enquanto ele a amava ternamente.

Cerrou o maxilar.

*Amor — um delicado eufemismo para a junção de corpos para prazer físico.*

No entanto, não conseguia desdenhar daquela palavra quando aplicada a Raven.

Passara quase um mês desde que conhecera o prazer com uma mulher — quase um mês desde que tivera Raven na sua cama. Ainda sentia o calor da sua pele sob as mãos, as curvas suaves do seu corpo quando a acariciava, o cheiro do seu sangue a encher-lhe as narinas.

Mas foi a recordação dos seus olhos verdes que o manteve imóvel enquanto Julianne beijava o marido e regressava para o seu quarto. Raven tinha uns olhos enormes que transbordavam de sentimento.

*Nunca te cansas da morte?*

A voz dela interrompeu-lhe os pensamentos.

A verdade é que, de facto, se cansava da morte. Naquele preciso momento, o príncipe sentia-se em conflito. Mas calçou as suas indecisões e escalou a parede da *villa*, ansioso por surpreender o professor enquanto estava sozinho.

E surpreendeu-o, sem dúvida.

— E encontramos-nos de novo. — O tom conversacional do príncipe contrastava com a sua figura ameaçadora.

Sobressaltado, Gabriel ergueu-se no *jacuzzi*, o corpo nu molhado e a brilhar à fraca luz que vinha do quarto.

— O que deseja? — vociferou, cerrando as mãos.

— Desejo que se cubra, para começar. — O príncipe atirou uma toalha próxima ao homem, olhando-o com aversão.

O professor enrolou a toalha à volta da cintura e saiu da água. Colocou o corpo entre o príncipe e a porta do quarto, que fechou rapidamente.

— Eu perguntei o que deseja. — A postura do professor era decididamente defensiva.

— Quero que o que é meu permaneça na minha posse. Quero que pare de me tirar coisas e as exhiba em público como se fossem suas.

O professor olhou o príncipe com incredulidade.

— Não tenho nada seu. Saia. Já.

O olhar do príncipe desviou-se rapidamente por cima do ombro do professor e viu, do outro lado da janela, Julianne a aninhar a filha nos braços.

— Tem muitas riquezas. Seria melhor cuidar delas e não ir atrás do que não lhe pertence.

O professor franziu o sobrolho.

— Peço-lhe, novamente, que saia.

O ser sobrenatural abanou a cabeça, olhando o homem com os frios olhos cinzentos.

— Disseram-me que tem dificuldade em seguir instruções. Estou a ver que é verdade.

— Eu mandei-o sair. Também não me parece estar a ouvir — replicou o professor.

— O senhor roubou as minhas ilustrações.

Ao primeiro som de protesto do professor, o príncipe ergueu uma mão para o silenciar.

— Sei que não as roubou pessoalmente. Mas as ilustrações pertenciam-me, antes de caírem nas mãos da família suíça que lhas vendeu. Recuperei-as e vão ficar comigo. Para sempre.

— O senhor está a mentir. As ilustrações estavam naquela família há quase um século.

— Sim. — O príncipe olhou desafiadoramente o professor. — Antes disso eram minhas.

O professor pestanejou confuso.

Quando recuperou a compostura, os seus olhos cor de safira estreitaram-se.

— Foi o senhor que esteve no nosso quarto de hotel em Florença. Não o vi, mas senti a sua presença. — Gabriel baixou a voz. — O que é o senhor?

— O que sou é irrelevante. Digamos apenas que não sou humano. Também não estou habituado a discutir com seres humanos nem a oferecer segundas hipóteses.

Mais uma vez, o olhar do príncipe foi atraído para as figuras de mãe e bebé dentro da casa.

— Ama a sua mulher?

A coluna de Gabriel ficou rígida.

— Sim.

— O suficiente para morrer por ela?

— Sem hesitação. — Gabriel deu um corajoso passo em frente.

O príncipe e o professor trocaram um longo olhar. O príncipe foi o primeiro a quebrar o silêncio.

— Tenho mais respeito por um homem disposto a viver pela família do que por um disposto a morrer por ela. Proteja a sua mulher e filha. Abandone qualquer tentativa de recuperar as ilustrações e convença os italianos a fazerem o mesmo.

— Paguei um preço justo por elas. A sua história parece saída de uma revista de banda desenha.

Os olhos do príncipe relampejaram, e ele rosnou.

O professor deu um passo atrás, o rosto aterrorizado.

O vampiro resistiu ao impulso de atacar, de exercer o seu poder e dominação. Olhou para Gabriel, notando a sua tensão, o cheiro da adrenalina a percorrer-lhe o corpo, o ritmo cardíaco acelerado, e perguntou-se porque não tinha ele fugido.

Gabriel encostou-se contra a porta do quarto, assinalando ao vampiro que teria de passar por cima de si e da porta fechada para atacar a sua família. Estava disposto a dar a sua vida para proteger a mulher e a criança, que continuavam abençoadamente alheias ao que se passava lá fora.

O príncipe pensou noutro ser humano que era um protetor; uma mulher que quase perdera a vida a defender um sem-abrigo de um espancamento mortal.

Não gostou de ser recordado disso.

— A sua mulher está doente — anunciou abruptamente, ajustando as mangas da camisa.

As feições de Gabriel alteraram-se.

— O quê?

— O senhor é um homem inteligente, ou, pelo menos, é o que dizem. Tenho a certeza de que, por esta altura, já percebeu que tenho certas... capacidades. Uma delas é sentir a doença humana. Não consigo identificar o problema, mas há alguma coisa errada com a sua mulher, alguma coisa que faz com que o seu sangue tenha falta de ferro.

»Quando a conheci nos Uffizi, há dois anos, senti o cheiro da doença. Seja o que for, ainda a ameaça.

O professor pareceu visivelmente abalado pela revelação e virou a cabeça para olhar para Julianne através do vidro.

— Adquiriu ilustrações que foram roubadas — continuou o príncipe. — Uma vez que sou o seu proprietário original, recuperei-as. Devia tê-lo destruído, mas, em vez disso, ofereci-lhe uma informação vital sobre a saúde da sua esposa. Creio que concordará que fui mais do que generoso.

Gabriel voltou de novo a sua atenção para o príncipe. Era evidente que não sabia no que devia acreditar, mas foi o seu desejo de proteger a mulher que venceu.

— Vou abandonar a investigação e falar pessoalmente com a Interpol. — Gabriel falava entredentes. — Mas não posso ser responsabilizado pelas ações dos outros. Se os italianos optarem por ir atrás de si, é problema deles.

— Se o seu envolvimento cessar, não tenho objeção. — O príncipe olhou-o dura e prolongadamente, e depois aproximou-se do parapeito da varanda e virou-se.

Gabriel ainda estava parado numa postura defensiva à porta do quarto. Fechara uma mão sobre a boca, como que para se impedir de dar o alarme.

O príncipe fixou-o com um olhar de pedra.

— Veja se vive tempo suficiente para garantir que a sua filha tem uma vida boa. Acontecem coisas más às crianças, quando perdem os pais.

Saltou por cima do parapeito e voou para o chão, antes de desaparecer nas trevas.

## Capítulo 2

6 de julho de 2013  
Florença, Itália

**A** jovem mulher e o vampiro com séculos de idade ficaram, durante o que pareceu um século, desesperadamente abraçados um ao outro no telhado de uma *loggia*, com vista sobre os Uffizi.

Podiam parecer os mais improváveis dos amantes, mas era evidente para ambos que constituíam o casal perfeito.

Raven tinha o coração cheio, a mente descontraída, o corpo saciado.

William soltou-se de entre as suas pernas e pô-la de pé. Endireitou as calças e retirou um lenço do bolso. Apoiando-a pela cintura com um braço, ergueu-lhe a saia para lhe colocar suavemente um pano entre as pernas.

Quando terminou, atirou o lenço para o lado e puxou-lhe cuidadosamente a saia para baixo.

— Agora que me ofereceste o teu presente, tenho de te oferecer o meu. — William acariciou-lhe a face, os olhos a cintilar.

Raven abriu a mão sobre o peito dele, por cima do coração. Sentiu o estranho ritmo sob a sua palma e o quase assustador silêncio.

— É este o meu presente — disse baixinho. — Pela maneira como me tocaste, percebo que me amas.

Ele ergueu-lhe os dedos e beijou-lhos, um por um.

— Mas vais querer o outro presente que tenho para te oferecer.

— É esta a única dádiva que quero, mas estou feliz por ouvir as palavras.

— Amo-te — sussurrou ele. — *Defensa*.



Ela sorriu contra o ombro dele.  
— Já não estou ferida; sou uma protetora.  
— Sempre foste uma protetora. — Ele beijou-lhe a testa antes de percorrer a cicatriz desmaiada que a maculava. — Disseste-me uma vez que nunca ninguém te defendeu. Esta noite, vou defender-te.  
— O quê? — Ela recuou, confusa.  
— Prometi oferecer-te justiça. Eu cumpro as minhas promessas.  
Uma onda de ansiedade percorreu-a.  
— William, o que é que fizeste?  
Ele sorriu-lhe lentamente.  
— Pergunta antes o que vou fazer. Anda.  
Puxou-a com força contra si e subiram para o telhado, os seus corpos a desaparecerem na noite como um farrapo de fumo.

Raven parou, hesitante, ao fundo da grandiosa escadaria da opulenta *villa* de William.

— Por aqui. — Ele apontou para o *hall*.  
Ela ergueu o olhar para o segundo piso.  
— Pensei que íamos para cima.  
Os olhos cinzentos de William dançaram.  
— Vamos para a biblioteca.  
Raven esperara que ele a conduzisse (ou levasse ao colo) para o quarto, para passarem as últimas horas antes do pôr do Sol a fazer amor. Franziu o sobrolho.  
— Porquê?  
— Anda e já vês. — Pegou na mão dela e escoltou-a ao longo do corredor.

A biblioteca era uma linda sala com estantes do chão ao teto, uma imensa parede de vidro e um teto alto e abobadado formado inteiramente por vidro. Uma luz pálida filtrava-se do exterior, mas Raven quase tropeçou na semiescuridão.

William acendeu uma vela para ela ver. Os vampiros tinham visão perfeita no escuro.

— Este não é o nosso destino — explicou. — É meramente o vestibulo.

Virou-se para uma das estantes e carregou na lombada de um

grande volume que dizia Virgílio. Com um rangido, a estante moveu-se para dentro, revelando uma passagem escura.

Raven espreitou para o espaço apertado. Não gostara da sua última viagem ao submundo, quando ele a apresentara a alguns dos outros vampiros. Não tinha qualquer desejo de repetir a experiência.

— Tinha vontade de passar a noite contigo, na tua cama.

William olhou-a avidamente.

— Eu também, mas ainda não te dei o teu presente.

Ela olhou a passagem.

— Não gosto de surpresas.

— Esta é uma de que vais gostar, garanto-te. — Conduziu-a por uma escadaria em espiral abaixo, segurando-a com cuidado, uma vez que ela não trazia a bengala.

O espaço por baixo da *villa* era húmido. Raven sentiu a pele começar a arrear-se e puxou William, fazendo-o parar.

— Não podes dar-me o presente lá em cima? No teu quarto?

— Paciência, Cassita. — Soltou-a para lhe acariciar o longo cabelo preto. — Tudo será revelado.

Continuaram a avançar por um longo corredor que era pontuado por uma série de pesadas portas de madeira. Raven poderia jurar que ouvia ratazanas a esgaravatar e a correr do outro lado.

Agarrou-se a William até, finalmente, pararem em frente de uma porta grande e com um aspeto primitivo. Estava trancada pelo lado de fora com uma barra. Com experiente facilidade, ele ergueu-a e abriu a porta. O corredor ecoou com o ranger de correntes de metal enferrujadas.

Ele foi o primeiro a entrar, usando a vela para acender tochas que estavam penduradas nas paredes. Em breve, o espaço frio e húmido foi banhado por uma luz quente e cintilante.

Raven hesitou à ombreira. Ao princípio julgou que estava numa adega, mas um olhar de relance pelo interior não revelou nada parecido com garrafas ou barris de vinho.

Havia uma velha mesa e uma cadeira de madeira de um lado. Havia argolas na parede, que prendiam as tochas agora iluminadas, e um par de enferrujadas grilhetas de ferro presas com longas e pesadas correntes. Foi apenas a ausência de armas e outros instrumentos que a impediu de acreditar que estava à entrada de uma câmara de tortura. Depois viu a cela.

No outro lado da divisão estava uma pequena cela feita de sólidas barras de ferro, desde o chão até ao teto baixo.

A cela não estava vazia.

Ela entrou, os sapatos a fazerem ranger pequenas pedras espalhadas pelo chão de rocha. A humidade parecia erguer-se dali, infiltrando-se através das solas dos seus sapatos e subindo-lhe pelas pernas nuas. Estremeceu.

No interior da cela estava um homem, deitado no chão. As suas roupas estavam sujas e rasgadas, o cabelo, sujo. Tentou ver-lhe a face à luz fraca que passava pelas barras de ferro, mas não conseguiu.

Raven franziu o nariz com o fedor que emanava da direção do homem — como se não se lavasse há dias, como se tivesse usado o chão da cela como sanita. Curiosa, aproximou-se.

O prisioneiro escolheu esse momento para se mover, revelando o rosto. Os olhos de Raven cresceram.

— Oh, meu Deus — sussurrou, detendo-se.

William materializou-se ao seu lado, levando-lhe os lábios ao ouvido.

— Feliz aniversário.

Com uma praga, Raven voltou a cambalear para a porta. Conseguiu dar apenas três passos antes de o conteúdo do seu estômago se espalhar pelo chão.

William envolveu-lhe a cintura com um braço.

— Não era esta a reação que esperava. Estás bem?

Ela afastou-o, vomitando uma segunda vez. Quando terminou, ele tentou puxá-la para a cadeira.

— Não. — Raven desviou-lhe as mãos.

O príncipe parecia perplexo.

— E o teu presente?

— Qual presente? — A tremer, ela limpou a boca com as costas da mão.

— Prometi-te justiça. — Acenou com uma mão na direção do prisioneiro. — Isto é justiça.

Os olhos de Raven encontraram os de William.

— Como?

William sorriu, os dentes brancos a cintilar à luz das tochas.

— Trouxe-o aqui para o matares.

### Capítulo 3

O mundo de Raven parou. — Claro, também posso ser eu a matá-lo, se preferires. — Os olhos de William cintilaram. — Não precisas de decidir já. Tens o tempo que quiseres para refletir nos pormenores. Tomei a liberdade de ir administrando uma dose moderada de justiça, mas nada que se aproxime com o que tem de ser feito.

Estendeu uma mão para a face dela, com uma expressão intensa no rosto.

— Parabéns, Cassita.

Raven evitou-lhe o toque, o coração a martelar no seu peito. Olhou em volta da sala, a sentir-se como se as paredes se fechassem à sua volta. Tinha de fugir.

Contornando o vómito no chão, foi a coxear para a saída. A perna direita protestou enquanto avançava, a dor a disparar do tornozelo até à anca.

— Cassita? — William soava confuso.

Ela ignorou-o, continuando para a porta.

— *Ajuda-me.* — A súplica sussurrada veio da cela. O prisioneiro fez uma série de ruídos, como se estivesse a tentar levantar-se, um gemido a escapar-se da sua boca quando voltou a cair no chão.

Raven já tinha um pé na saída.

— Não me deixes com ele — disse o prisioneiro numa voz áspera. — Ele quer matar-me. Empurrou-me pelas escadas abaixo. Acho que tenho uma perna partida.

O choque impediu Raven de reagir aos gritos do prisioneiro — o choque e a sinistra compreensão do que William fizera.

O prisioneiro bateu nas barras de ferro.

— Ele é um animal. Ajuda-me!

Raven virou-se.

— Achas que ele é um animal porque te empurrou das escadas abaixo? — A sua súbita e inexplicável fúria escapou por completo ao prisioneiro.

— Ele raptou-me. Diz que vai matar-me!

— Deixa-te de tretas, David — bradou. — Eu sei que és tu.

O homem pestanejou, vários segundos a mais, antes de abanar a cabeça.

— Eu chamo-me Greg. Tem de me ajudar.

Raven coxeou para ele o mais depressa que conseguiu.

— Eu sou a Jane, idiota. — Indicou o corpo com um gesto. — Se calhar não me reconheceste, com a minha *perna magoada*.

O prisioneiro agarrou as barras com as duas mãos, os olhos frenéticos a fixarem os dela.

— O meu nome é Greg. Sou de Sacramento, na Califórnia. Nunca a vi na minha vida, juro por Deus.

— Mentiroso — ripostou Raven. — Achas que não te reconheço? Achas que alguma vez me vou esquecer da tua voz, monstro de merda?

Ficou parada por um momento, a ferver de raiva.

— Tu abusaste da minha irmã. — Raven baixou-se e pegou numa pedra, atirando-lha. A pedra bateu numa das barras de ferro; o homem agachou-se uma fração de segundo antes do impacto.

— Ela tinha cinco anos. Era um bebé! — Raven baixou-se para apanhar mais pedras, atirando-lhas. Algumas passaram as barras, atingindo-o no peito.

O homem caiu para trás e ergueu as mãos para se proteger.

— Eu chamo-me Greg. Tenho mulher e dois filhos. Nunca a vi na minha vida.

— Mentiroso! — rugiu Raven. — Eu ficava acordada todas as noites, a tentar protegê-la. Mas tu conseguiste o que querias. Gritei pela minha mãe e tu empurraste-me pelas escadas abaixo para me calar. Mas não vais calar-me agora, seu monte de merda inútil.

»Partiste a perna, foi? — Debruçou-se para a frente para ficar ao

nível dos olhos dele. — Dói-te? Tens medo de não voltar a andar como deve ser?

O homem olhou-a como se ela fosse louca.

— Quem é que quer saber da tua perna? Eu estou aleijada! Nunca mais vou poder correr. — Cuspiu para cima dele através das grades. — Odeio-te!

Com um grito estrangulado, enfiou as mãos pelas barras de ferro, tentando atingi-lo com os punhos cerrados. O homem arrastou a perna magoada enquanto rastejava para o fundo da cela, escapando-se aos golpes.

— Apanhou o homem errado — lamuriou-se ele. — Juro por Deus, eu chamo-me Greg. Nunca fiz mal a ninguém. Tem de acreditar em mim.

Raven cuspiu outra vez, agarrando com força nas barras de ferro.

— Espero que ardas no inferno. Espero que nunca mais voltes a andar!

William apareceu à sua direita e tocou-lhe nos dedos cerrados. Os seus olhos encontraram-se. Sem aviso, ela desatou a chorar.

— Sou inocente. — A voz do homem ia-se tornando mais desesperada. — Juro por Deus, apanhou o homem errado.

William arreganhou os dentes e rosnou. Uma mancha de humidade formou-se nas calças do prisioneiro e a urina espalhou-se por ele abaixo. Cobriu a cabeça com as mãos e enroscou-se numa bola.

— Mais uma palavra e arranco-te a língua. — William descolou suavemente os dedos de Raven das barras de ferro. — Não fales com ela.

O prisioneiro tremeu no seu canto, enquanto começava também a soluçar.

Com um último gemido, William pegou em Raven ao colo. Apagou as tochas e levou-a daquela sala, trancando a porta atrás de si.



## Capítulo 4

**D**izer que William estava preocupado com a reação de Raven seria um eufemismo. O som do seu choro — um ruído agudo, comovente — torturava-o.

Magoara-a, quando a única coisa que queria era dar-lhe prazer. De facto, havia uma parte dele que desejava fazer sofrer o homem que a fizera sofrer, mas reconhecia que a vingança era dela, não dele. Tinha o poder de lha dar, e fora o que fizera. Não esperava que a fúria dela se transformasse em dor.

Claramente, não compreendia os seres humanos.

Culpa — uma emoção muito humana — inundava-lhe as entranhas. A visão do sofrimento de Raven fazia-o sentir-se impotente, também, o que não era uma sensação típica de um ser tão antigo como ele.

Foi invadido por um rápida memória, como um relâmpago a iluminar um céu escuro. Tinha Alicia nos braços e via-a soltar o seu último suspiro. E não havia nada que pudesse fazer para a salvar.

Falhara perante Alicia. Mas agora era um ser diferente, com poderes diferentes. Demónios o levassem se ia falhar também perante Raven.

Sentou-se ao seu lado na cama, levando a mão ao fundo das suas costas.

— Cassita. — Ela continuou a chorar, enrolada em posição fetal, como se não tivesse ouvido.

Esfregou-lhe as costas, pouco à vontade, a perguntar-se se deveria chamar por Lucia. Ela iria provavelmente sugerir que administrassem um sedativo. William não sabia se tinha algum à mão. A maior parte dos



medicamentos fora usada em maio, quando tinham levado Raven para ali, às portas da morte.

Recordou a noite em que recolhera uma Raven moribunda no seu lar. Injetara-a com um dos mais antigos *vintages* da sua coleção. Quando o sangue de vampiro começou a circular nas suas veias, Raven olhara-o com aqueles enormes olhos assustados. Não soubera como a confortar, e começara a falar latim e anglo-normando quase sem perceber. Os seus sussurros tiveram pouco efeito. A certa altura, tivera de a sedar, nem que fosse para a impedir de puxar os tubos da transfusão do braço.

Vê-la chorar agora era bem mais perturbador, porque a amava.

— Cassita. — Falou com firmeza. — Cassita, ouve-me.

— A minha irmã — conseguiu ela dizer entre os soluços. — A culpa foi minha.

— Não. — O tom de William era intenso. Ela não respondeu. — A culpa não foi tua. — Agarrou no braço dela, puxando-o para baixo, para enfatizar o que estava a dizer. — Tu protegeste-a. Livraste-a dele.

Raven continuou a chorar. Ele aguardou, esperando que ela esgotasse as suas lágrimas, e foi o que aconteceu. O que veio a seguir provou ser ainda mais inquietante. Viu-a deitada de lado, virada para a parede, os olhos abertos e sem pestanejar.

Quando lhe falou, ela não reagiu. Quando tentou movê-la, descobriu que o seu corpo mantinha a mesma postura, como se os seus músculos tivessem ficado petrificados. Ainda mais alarmante, o seu ritmo cardíaco era irregular; a respiração, superficial. Suor formava-se na sua testa, embora o quarto estivesse fresco.

As mudanças físicas em Raven assustaram-no. Receou ter-lhe danificado a mente de alguma forma, causando danos irreparáveis.

Passaram alguns minutos e a sua ansiedade cresceu. Atirando com a cautela para trás das costas, colocou as mãos de cada lado da cara dela e olhou-a nos olhos.

— Raven, concentra-te no som da minha voz.

Ela parecia não o ver nem ouvir.

— Vais desconstrair o teu corpo e dormir. Vais dormir pacificamente até de manhã, sem preocupações nem medos. — Passou um momento sem qualquer reação, depois outro, e William repetiu as suas instruções.

A sua ansiedade cresceu. Não estava confiante de que o controlo

mental iria funcionar; era perito no seu uso, mas Raven tinha uma mente muito forte. E se, de alguma forma, a visão do seu padraço lhe tivesse destruído a mente...

Raven pestanejou e os seus grandes olhos verdes focaram-se nos dele.

— Escuta a minha voz — repetiu. — Respira fundo, descontra o corpo.

De súbito, os olhos de Raven tornaram-se vidrados. Em pouco tempo, a sua respiração tornou-se mais profunda e os músculos relaxaram.

— Linda menina. — Suspirou de alívio. — Fecha os olhos.

Ela obedeceu e ele soltou-a, puxando os cobertores sobre o seu vestido e prendendo-lhos junto ao corpo.

— Descansa bem, meu amor. — Beijou-lhe a testa, a ouvir o seu coração e a respiração tornarem-se mais regulares.

Durante vários minutos, viu-a dormir. O súbito alívio deu lugar ao desconforto. Ela estava agora sob o seu controlo, e ele nunca fora um mestre mais renitente.

*Uma ave numa gaiola nunca é tão bela como uma ave que é livre.* As suas próprias palavras regressaram para o atormentar.

Naquele caso, fora mesmo necessário usar o controlo mental, raciocinou. Ela estava em agudo sofrimento. Estava a acontecer-lhe alguma coisa terrível. Interviera antes que se tornasse pior. Ou irreversível.

Só duvidava de que ela visse a situação da mesma maneira, quando chegasse a altura de se explicar. Não estava ansioso por ter aquela conversa.

O seu olhar viajou para a versão da *Primavera* pendurada na parede. O rosto da antiga amante, Allegra, assombrou-o. Foi assaltado pela recordação do seu corpo desfeito no chão por baixo da torre do sino depois de ela saltar para a sua morte.

O suicídio de Allegra fora o resultado do horror e desespero. Centenas de anos mais tarde, ainda se sentia perturbado pelo incidente. E, embora não o admitisse, talvez se sentisse também responsável.

Olhou a beldade de cabelos negros a dormir na sua cama. Só se tinham reconciliado umas poucas horas antes. Não estava preparado para a perder.

William esperara que Raven ficasse satisfeita com a sua dádiva, que tivera grande cuidado a procurar. Pensara que apreciaria a oportunidade

de exercer justiça perante o homem que lhe magoara a perna e que abusara da sua irmã. Em vez disso, ficara horrorizada e perturbada. Ainda agora, o som dos seus gritos feridos vibrava nos seus ouvidos.

E era ele o responsável.

Depositou um beijo no alto da sua cabeça antes de lhe colocar a pulseira que a marcava como sua no pulso. Ela devolvera-lhe a peça quando se tinham separado. Era apenas correto que a voltasse a usar.

Os seus lábios flutuaram pela pele pálida que lhe cobria as veias do pulso. Tinha fome, era verdade, mas não suportava a ideia de se alimentar naquele momento. Deixou-a com o seu sono artificial e desceu rapidamente as escadas. Lucia e Ambrogio receberam instruções pormenorizadas acerca de Raven e do prisioneiro na masmorra. Depois, William enviou uma mensagem a Stefan, o mais importante médico do principado, convocando-o aos seus apartamentos privados no *palazzo Riccardi*.

Por fim, saiu da *villa*, viajando para o *palazzo* por uma série de passagens secretas que jazem sob a cidade de Florença. Não rezou. Deus amaldiçoara-o a ele e aos da sua irmandade. Não valia a pena ajoelhar-se para lhe pedir um favor, mesmo que fosse por Raven.

Esperava sinceramente que qualquer dano que lhe tivesse feito pudesse ser desfeito.